

CORPO-SUJEITO, ROTINAS ESPAÇO-TEMPORAIS E DANÇAS-DO-LUGAR¹

Body-subjects, time-space routines, and place-ballets

David Seamon²

RESUMO

O ambiente vivido pelos indivíduos é portador de magias, mistérios e simbioses. Os seres humanos, sob esta lógica, podem se imbricar com seus lugares, alicerçados por fortes elos de pertencimento. Neste sentido, as trajetórias e movimentos implementados por estas pessoas revelam faces e nuances deste pertencimento, em coreografias muitas vezes não percebidas pelas pessoas que as efetuam, mas que podem perfazer características fortes de determinado ambiente, as chamadas danças-do-lugar. A geografia, que estuda a Terra como o lugar de morada do homem, se preocupa com estas movimentações e pertencimentos. Por intermédio da fenomenologia, são analisados os movimentos cotidianos de indivíduos em seus lugares de significado, dentro de reluzentes mundos vividos, esboçando assim um dos alicerces da geografia fenomenológica. Nesta perspectiva, a atitude natural dos indivíduos é mostrada como um grande manancial para os geógrafos, que buscam, praticando a redução fenomenológica, chegar à essência dos fenômenos e identificar danças-do-lugar. Em síntese, esta dança-do-lugar, uma sinergia ambiental na qual homens e partes materiais involuntariamente promovem um todo maior, com seu próprio ritmo e caráter especiais, pode servir não apenas para revelar a magnífica dinâmica dos mundos vividos, mas para regenerar e proteger lugares.

Palavras-chave: Fenomenologia. Movimentos Cotidianos. Lugar.

ABSTRACT

The lived environment bears magic, mystery and symbiosis. By this logic, human beings can interconnect with their places, grounded on strong bonds of belonging. Thus, trajectories and movements performed by these people disclose facets and nuances of belonging through choreographies that are not perceived by its performers. However they can ascribe strong characteristics of a certain environment – the so called place-ballets. Geography, that studies Earth as man's home, is concerned with these movements and belongings. Through phenomenology, everyday movements of individuals in their place of significance are analyzed, within sparkling lived worlds, outlining one of the foundations of phenomenological geography. In this perspective, individual's natural attitudes are shown as a great source for geographers that see, the essence of phenomena and to identify place-ballets, practicing phenomenological reduction. In synthesis this place-ballet – an environmental synergy in which men and material parts unintentionally create a greater whole – may be suited not only to reveal the magnificent dynamic of lived worlds but also to regenerate and protect places with its own special rhythm and character.

Keywords: Phenomenology. Everyday movement. Place.

1 Texto originalmente publicado em inglês em BUTTIMER, Anne; SEAMON, David. (eds.) **The human experience of space and place**. Londres: Croom Helm, 1980. p. 148-165. Tradução de Paulo Mauricio Rangel Gonçalves.

2 Professor de Arquitetura na Universidade Estadual de Kansas. triad@ksu.edu.

✉ Architecture Department, Kansas State University, 211 Seaton Hall, Manhattan, KS. 66506-2901 EUA.



A fenomenologia se empenha para uma efetivação de contato. Como uma forma de estudo, ela procura encontrar as coisas do mundo como elas são nelas mesmas e então descrevê-las. A geografia estuda a Terra como o lugar de morada do homem. Como uma de suas metas, ela procura entender como as pessoas vivem em relação aos seus lugares, espaços e ambientes cotidianos. A geografia fenomenológica pega emprestado as preocupações de ambos os campos de saber e direciona a sua atenção para a natureza essencial da morada do homem na Terra. O fato de todas as pessoas estarem localizadas em um mundo que é em parte geográfico é uma irreduzível característica da existência humana. Seja pequeno como um apartamento ou vasto como um oceano circundando seus navios no mar, seja um lugar-comum tal qual a vizinhança ou estranho como uma cidade distante, o homem é alojado em um mundo geográfico no qual ele pode mudar as especificidades, mas que o circunda de uma forma que ele não pode evitar. A geografia fenomenológica indaga o sentido da inescapável imersão das pessoas no mundo geográfico. O que são as pessoas como seres em um mundo geográfico? Qual é a natureza da experiência humana no contexto desse mundo?³

Este texto se esforça para demonstrar o valor da geografia fenomenológica explorando o fenômeno do **movimento cotidiano no espaço**, entendido como **qualquer deslocamento espacial do corpo ou corporalmente em parte iniciado pela própria pessoa**. Caminhar até a caixa de correio, dirigir para a casa, ir de casa para a garagem, alcançar uma tesoura em uma gaveta – todos estes comportamentos são exemplos de movimento.⁴

³ Sobre fenomenologia, sua história e método, ver Natanson (1962); Wilde (1963); Spielberg (1965). Exemplos de fenomenologia empírica podem ser encontrados em Giorgi et al. (1971; 1975).

⁴ Na prática, esta definição ignora movimentos reflexivos tais como piscar, respirar, etc.

Este texto explora a essência do caráter experiencial do movimento. Primeiro, esboça as noções de **atitude natural**, **mundo vivido** e **epoché** – todas noções essenciais na fenomenologia. Segundo, o ensaio aborda as duas convencionais abordagens para os movimentos cotidianos – a teoria comportamental e a teoria cognitiva. Terceiro, o texto introduz uma alternativa fenomenológica e indaga o seu valor para teorias ambientais e de planejamento.

ATITUDE NATURAL, MUNDO VIVIDO E EPOCHÉ

A fenomenologia busca as estruturas essenciais da experiência humana (WILDE, 1963, p. 20). A partir da variedade de formas nas quais homem e mulher se comportam e experienciam seus mundos cotidianos, a fenomenologia interroga se existem padrões particulares que transcendem contextos empíricos específicos e apontam para uma condição humana essencial – o irreduzível ponto crucial das situações de vida das pessoas que permanecem quando são “não essenciais” – contexto cultural, período histórico, idiossincrasias pessoais – são desvendados através de processos fenomenológicos. Embora perceba que cultura, história e personalidade, sem dúvida, filtram e condicionam padrões de vivência, a fenomenologia sustenta uma certa indubitabilidade quanto a experiência humana, que se estende além de uma pessoa particular, lugar ou movimento. A tarefa da fenomenologia é desenterrar e descrever esta indubitabilidade, a qual as pessoas costumam perder de vista por conta da mundanidade e das certezas de suas situações de vida cotidianas.

Na existência diária normal, as pessoas se encontram em um estado de coisas que o fenomenólogo chama de **atitude natural** – a despercebida e inquestionável aceitação das coisas e das experiências da vida diária (GIORGI, 1970). O mundo da atitude natural é denominado

mundo vivido – os padrões garantidos e contexto da vida cotidiana, no qual as pessoas rotineiramente conduzem suas existências diárias, sem ter que fazer disto constantemente um objeto de consciente atenção (GIORGI, 1970). Imersas na atitude natural, as pessoas normalmente não examinam o mundo vivido ou mesmo reconhecem a sua existência; isto é ocultado como um fenômeno:

Na atitude natural nós estamos muito absorvidos pelas nossas atividades mundanas, tanto práticas como teóricas; nós estamos muito absorvidos pelas nossas metas, atividades e projetos, para prestar atenção para a **maneira** que o mundo se apresenta para nós. Os atos de consciência através do qual o mundo e tudo que ele contém se tornam acessíveis para nós são vividos, mas eles permanecem reservados, inconjugáveis, e neste sentido, ocultados (GIORGI, 1970, p. 148).

Através de uma mudança na perspectiva – a **redução fenomenológica**, como é geralmente chamada – o fenomenólogo faz do mundo vivido um foco de atenção: “os atos os quais na atitude natural são simplesmente vividos são agora tematizados e feitos tópicos de análise reflexiva” (GIORGI, 1970, p. 148). A ferramenta chave para este processo de redução é a *epoché* – a suspensão na crença na experiência ou objeto experienciado (SPIELBERG, 1965, p.691). Ao praticar a *epoché*, o fenomenólogo se esforça para se desengatar do mundo vivido e reexaminar sua natureza outra vez. *Epoché* não significa que o estudante rejeita o mundo ou a sua experiência sobre ele. Ao invés disto, ele começa a questionar estas coisas, assim como todos os conceitos, modelos, e teorias que visavam descrever ou explicá-las. Se ele conduzir a *epoché* propriamente, ele pode descobrir que muitos eventos e padrões que ele previamente “conhecia” se tornam questionáveis, enquanto fatos que ele havia previamente ignorado ou

pareciam insignificantes emergem claramente e demandam exame e descrição (ZEITLIN, 1973, p. 147). Fenomenologia é, portanto, uma exploratória e descritiva disciplina. Primeiramente, ela tenta questionar radicalmente o mundo vivido e todas as teorias concebidas para representá-lo. Segundo, ela se esforça para retornar ao mundo vivido diretamente e descrever seus aspectos o mais cuidadosamente possível em suas **próprias** condições.

Uma geografia fenomenológica reexamina as porções geográficas do mundo vivido. Qual é, por exemplo, o tipo da morada do homem na natureza? Quais os significados da experiência que os lugares possuem para as pessoas? Como pessoas diferentes experienciam a natureza e o meio físico? De que maneiras as pessoas reconhecem ou falham em reconhecer seus mundos geográficos?

A presente meta é explorar os movimentos cotidianos fenomenologicamente. Duas etapas são necessárias: em primeiro lugar, deixar de lado as teorias convencionais de movimento; em segundo lugar, examinar os movimentos cotidianos assim como eles ocorrem em sua própria forma no mundo vivido.

ABORDAGENS CONVENCIONAIS DOS MOVIMENTOS COTIDIANOS

Na convencional ciência social e psicologia ambiental, os movimentos cotidianos tem geralmente sido discutidos em termos de **comportamento espacial** – os movimentos das pessoas em um espaço geográfico de grande escala – e considerados de duas maneiras principais. A **abordagem comportamental**, ligada à tradição filosófica do empiricismo, vê os movimentos cotidianos em termos de um modelo estímulo-resposta – um particular estímulo de um meio externo (por exemplo, o tocar de um telefone) causa um movimento de resposta na

pessoa (o ouvinte levanta para responder)⁵. Na tentativa de imitar os métodos das ciências naturais, comportamentalistas tem geralmente restringido suas pesquisas para comportamentos visíveis que podem ser verificados através de algum tipo de mensuração empírica. Comportamentalistas rigorosos desconsideram todos os processos de experiência (por exemplo, cognição, emoções, inteligência corporal) porque estes fenômenos são vistos como imprecisos e só conhecidos pela pessoa que os reporta. Então, os comportamentalistas geralmente estudam o que um animal ou pessoa **faz**, ao invés do que ele, ou ela **experiencia**. Na prática, comportamentalistas trabalham discutindo o comportamento espacial como um tema explícito tendo estudado geralmente ratos aprendendo a se mover em labirintos; pesquisas com sujeitos humanos têm sido muito menos frequentes (HULL, 1952; BLAUT; STEA, 1973; GETIS; BOOTS, 1971). Talvez porque isso seja melhor conduzido em um contexto experimental e por sua vez não facilmente aplicáveis para contextos no mundo real como as ruas e a vizinhança, teorias de comportamentalistas estritos tiveram somente um impacto mínimo nas pesquisas sobre o comportamento espacial na escala do meio geográfico (GETIS; BOOTS, 1971).

Em contraste, teorias de **cognição espacial** são associadas à tradição filosófica do racionalismo e tem tido maior impacto na geografia comportamental (LYNCH, 1961; STEA; DOWNS, 1973; MOORE; GOLLEDGE, 1976; LEFF, 1977). Em suas várias formas, argumentam que o comportamento espacial é dependente de alguns tipos de processos cognitivos como o pensar, descobrir e decidir. Na prática, a maior parte desta pesquisa estudou representação cognitiva do espaço de um indivíduo ou de um grupo em particular, que é provocada por

⁵ Sobre comportamentalismo, ver Taylor (1967); Merleau-Ponty (1962, 1963); Koch (1964). Não há uma teoria comportamentalista, mas várias. Alguns comportamentalistas reconhecem a cognição como um significativo processo de intervenção na sequência de estímulo-resposta. Ver, por exemplo, Tolman (1973).

dispositivos como desenhos de mapas ou questionários. O pressuposto é que um estudo desses **mapas cognitivos**, como a maioria dos geógrafos passaram a chamá-los, vai levar a uma compreensão do comportamento do indivíduo ou do grupo no espaço. “Sublinhando a nossa definição de cognição espacial”, diz Downs; Stea (1973, p. 9), “é uma visão do comportamento que, embora expressada de maneira variada, pode ser reduzida para a afirmação de que o comportamento espacial humano é dependente do mapa cognitivo do indivíduo do ambiente espacial”.

A maior fraqueza, fenomenologicamente, de ambas as abordagens, cognitiva e comportamental é a sua insistência na explicação do comportamento espacial por meio de uma teoria imposta *a priori*. Os teóricos cognitivos assumem que o mapa cognitivo é a chave para o comportamento espacial, enquanto os comportamentalistas se direcionam para as sequências de estímulo-resposta. Ao praticar *epoché*, o fenomenólogo rompe com essas duas visões opostas e retorna aos movimentos cotidianos como um fenômeno do mundo vivido. Por um lado, ele coloca entre parêntesis as premissas de que o movimento depende do mapa cognitivo, por outro lado, que o movimento é um processo de estímulo-resposta.

Para realizar este processo de escalonamento de maneira prática, o fenomenólogo precisa retornar aos movimentos cotidianos como experiência – como eles ocorrem no seu próprio modo, com sua própria estrutura e dinâmica. Para fazer isto, ele tem várias abordagens abertas. Por exemplo, ele pode cuidadosamente refletir sobre os movimentos e como ele os experiencia em sua própria vida. Alternativamente, ele pode reunir relatos de movimentos descritos por outros – através de entrevistas, conversas abertas ou relatos da literatura imaginativa. A atual fenomenologia do movimento faz uso de uma coleção de relatórios descritivos recolhidos de um grupo de

peças que são suficientemente interessadas nos seus contatos diários com o mundo geográfico para se encontrar semanalmente durante vários meses e dividir com o grupo suas experiências pessoais relacionadas aos movimentos cotidianos e outros temas relacionados⁶. Fora destes grupos de experiência ambiental, surgiram gradualmente várias características destes movimentos cotidianos das quais três serão discutidas aqui: (1) A natureza habitual do movimento cotidiano; (2) A importância do corpo; (3) “Coreografias” de corpo e lugar. Cada assunto é considerado individualmente, e então comparado com a convencional teoria comportamental e cognitiva.

A NATUREZA HABITUAL DOS MOVIMENTOS COTIDIANOS

Quando eu estava saindo de casa e indo para o colégio, não conseguia dirigir diretamente para lá – tinha que dar uma volta de uma maneira ou de outra. E uma vez lembro-me, vividamente, de estar consciente do fato de que eu sempre ia por uma rota e voltava por outra – eu sempre fazia isso. E o engraçado era que não tinha que me dizer para ir para lá por uma rota e voltar por outra. Alguma coisa em mim fazia isso automaticamente – eu realmente não tinha muita escolha nessa situação. É claro que existiram alguns dias em que eu tive que ir para algum lugar antes da escola, e então eu tomava uma rota diferente, mas, por outro lado, gostaria de ir e voltar pelas mesmas ruas – membro do grupo de experiência ambiental.

Um hábito é qualquer comportamento adquirido que se torna mais ou menos involuntário. Uma das primeiras características dos movimentos cotidianos para os quais o grupo de experiência ambiental se atentou foi a sua natureza habitual. Considere a observação

⁶ A história completa deste grupo está em Seamon (1979).

acima. O membro do grupo faz automaticamente o uso da mesma sequência de rotas nos seus padrões de direção diários. Seus grupos de movimentos ocorrem “por eles mesmos”, isto é, sem a necessária intervenção de sua atenção consciente: “Alguma coisa em mim fazia isto automaticamente – eu realmente não tinha muita escolha nessa situação”. Frases de outro grupo de observação que relata essa mesma característica de atividade própria: “Você prossegue e você nem mesmo sabe disto”; “Eu fiz a viagem tão sem esforço e inconscientemente”; “E sempre quero ir pelo mesmo velho caminho”⁷.

Os movimentos habituais se estendem por todas as escalas de ambientes – de dirigir e caminhar até alcançar e movimentar os dedos. Um membro do grupo descreveu como ele de vez em quando vai para a escola e se pergunta como chegou ali, simplesmente porque não se recorda da experiência da caminhada: “Você não se lembra de ter caminhado até aqui – faz isso automaticamente”. Outro membro do grupo explicou que ele tinha recentemente trocado quartos no seu apartamento com um companheiro, e que ele ainda ocasionalmente se achava indo para o velho quarto em vez de ir para o novo: “Eu não registrei comigo mesmo que havia ido para o lugar ‘errado’.” Um terceiro membro do grupo relatou que às vezes se esquece de colocar uma toalha limpa embaixo da pia depois de ter levado a toalha suja para a lavanderia. Quando lava pratos, acha-se procurando pela toalha, mesmo tendo visto há alguns minutos que a toalha não estava lá. Um quarto membro do grupo contou que quando faz ligações telefônicas, surpreende-se várias vezes digitando o telefone de sua casa ao invés do número para o qual planejava ligar: “meus pensamentos estão em algum lugar e meus dedos digitam automaticamente os números que eles sabem melhor”.

⁷ Frases completas destes e as seguintes descrições estão em Seamon (1979).

Indiferente à escala particular na qual eles costumam ocorrer, estas observações sugerem que muitos movimentos são conduzidos por algum processo pré-consciente que guia comportamentos sem a pessoa necessitar estar consciente do que está acontecendo. Cujo processo um membro do grupo sucintamente descreveu: “você acorda e vai sem pensar muito, exatamente onde tem que ir, e chega lá, mas realmente não pensa sobre chegar lá enquanto está no caminho”. A redação desta frase de uma forma quase poética aponta para o tipo de desdobramento automático do movimento com o qual o membro do grupo tem pouco ou nenhum contato consciente. A pessoa não tem lembrança do grande número de passos, voltas, paradas, e começos que compõem a soma do movimento. Ela se encontra no seu destino sem ter prestado ao menos um pouco de atenção ao movimento, como aconteceu naquele momento.

Tradicionalmente, teóricos comportamentalistas e cognitivos têm lidado com o movimento habitual de duas formas contrastantes. Os últimos argumentam que os comportamentos habituais não são realmente habituais, que se a pessoa pudesse realmente ver os processos internos que dirigem o movimento, ela descobriria que está conscientemente avaliando a situação e fazendo uso constante de seu mapa cognitivo:

É verdade, muito do comportamento habitual é repetitivo e rotineiro – Nas viagens, você tem aquele sentimento que poderia fazer a viagem de olhos vendados” ou “fazê-la com os olhos fechados”. Mas mesmo essa aparente sequência “estímulo-resposta” não é tão simples: você precisa estar *preparado* para sugestão que diz para “parar agora” ou *avaliar* o tráfego da hora do rush que te diz para “tomar o outro caminho para casa esta noite”. Mesmo nessas situações você está *pensando à frente* (em ambos sentidos: literal e metafórico) e usando o seu mapa cognitivo (DOWNS; STEA, 1973, p. 10).

Em contraste, comportamentalistas rigorosos rejeitam qualquer processo cognitivo intervindo entre ambiente e comportamento⁸. Eles têm constantemente enfatizado a natureza automática dos movimentos cotidianos, os quais, eles definem em termos de **reforço** – qualquer evento ou ocorrência que aumente a probabilidade de um estímulo, em ocasiões subsequentes, evocar uma resposta (HILDEGARD et al., 1971, p. 188-207). Aplicado ao comportamento espacial, este princípio argumenta que uma bem-sucedida passagem sobre uma rota particular fortalece as chances dessa rota ser usada na próxima vez que o organismo precisar transpassar aquele espaço. Cada vez que o movimento é repetido, as respostas evocam aquela rota particular que é reforçada, e no momento necessário o padrão se torna habitual e então involuntário.

Procedendo fenomenologicamente, o pesquisador precisa colocar entre parêntesis estas duas interpretações contrastantes e indagar qual movimento habitual está **na sua própria forma**. Por meio deste procedimento de escalonamento, se vê o papel sensível que o corpo desempenha em muitos dos movimentos cotidianos.

A NOÇÃO DE CORPO-SUJEITO

Observações adicionais do grupo de experiência ambiental sugerem que a natureza habitual dos movimentos surge do corpo, que abriga seu próprio tipo de sensibilidade proposital. Um membro do grupo descreveu a sua ida ao dentista. Em um cruzamento do caminho, ele de repente se viu virando para a esquerda, em vez de continuar em frente como deveria ter feito. Ele explicou que geralmente vira à direita

⁸ Novamente, é importante saber que muitos comportamentalistas interpretam a cognição como um importante processo de intervenção entre estímulo e resposta. Ver a quarta nota.

porque ele tem amigos no alto da rua os quais visita frequentemente. Ao descrever a virada não intencional, ele explica que alguma coisa nele atuou antes que pudesse cognitivamente agir e que isso “é uma ação dirigida **nos braços**: meus braços estavam virando a roda... eles estavam fazendo isso por eles mesmos, completamente alheios para onde eu estava indo. O carro estava na metade da curva antes que eu tomasse consciência e percebesse o meu erro”.

Outra pessoa salientou o mesmo tipo de movimento corporal direcionado quando ele descreveu o ato de puxar a corda do interruptor de luz: “minha mão alcança a corda, puxa, e a luz está acesa. A mão sabe exatamente para onde ir”.

O papel do corpo em movimento é indicado por outras observações. Um membro do grupo fez referência a uma força inteligente em suas pernas: “você deixa suas pernas fazerem isto e não presta nenhuma atenção para onde você está indo”. Outro membro do grupo informou que estando sentado na cadeira, suas mãos automaticamente alcançam um envelope requerido, tesouras, ou outros objetos sem que ele as tenha direcionado conscientemente. Um terceiro membro do grupo descreveu este mesmo processo corporal em sua habilidade de colocar as cartas em suas próprias caixas de correio, quando ele trabalhou no correio. Tomados em conjunto, esses relatos indicam que sublinhar e guiar muitos movimentos cotidianos é uma força corporal intencional que se manifesta automaticamente e também sensivelmente: um braço alcança a corda ou os envelopes, mãos giram o volante ou colocam cartas nas suas próprias caixas de correio, pés direcionam a pessoa automaticamente para o seu destino. Pegando de empréstimo o termo do fenomenólogo francês Merleau-Ponty (1962), chamo esta intencionalidade corporal de **corpo-sujeito**. Corpo-sujeito é a inerente capacidade do corpo de direcionar comportamentos das pessoas inteligentemente, e então funciona como um tipo especial de

sujeito que se expressa de uma maneira pré-consciente, usualmente descrita por palavras como “automático”, “habitual”, “involuntário”, “mecânico” (SEAMON, 1979).

A possibilidade de o corpo ser um sujeito inteligente manifestado em suas próprias formas é estranha para ambas as teorias: comportamentalista e cognitiva. Ambas as teorias veem o corpo como **passivo** – como uma coisa inerte que responde tanto a um modo de consciência cognitiva ou a estímulos do ambiente externo. Estudos da cognição espacial têm direcionado a sua atenção para os mapas cognitivos, pois é um registro do conhecimento cognitivo da pessoa no espaço. Esta pesquisa tem prestado pouca atenção aos reais movimentos corporais que constituem o comportamento espacial. Ao invés disto, ela tem enfatizado o processo cognitivo que é adotado para coordenar as relações entre ambiente e comportamento.

Por outro lado, comportamentalistas tem enfatizado a importância do corpo em suas discussões sobre o comportamento espacial, mas na sua ênfase eles o veem como uma coleção de reações aos estímulos externos. Se os comportamentalistas fossem perguntados, por exemplo, para descrever o comportamento de dirigir de casa para o trabalho, eles diriam que isso envolve uma série de reações às mudanças nas visualizações, sons, e pressões que incidem sobre os órgãos de sentido externos dos motoristas, acrescidos aos estímulos internos provenientes das vísceras e músculos esqueléticos (TOLMAN, 1973). Esses vários estímulos chamados movimentos particulares de pés e braços do motorista são reforçados a cada vez como uma resposta da direção que com sucesso deixam o motorista a salvo em seu destino. Eventualmente, estas séries de estímulo-resposta são integradas em uma suave progressão passo-a-passo que fácil e automaticamente levam a pessoa de casa para o trabalho a cada dia.

Relatórios do grupo de experiência ambiental sugerem que ambas as teorias cognitiva e comportamental estão incompletas. A descrição cognitiva está incompleta porque ignora o fato de muitos movimentos procederem independentemente de qualquer processo de avaliação cognitiva; que o estrato de experiência cognitiva vem à tona apenas quando o corpo-sujeito realiza um movimento errado, assim quando, por exemplo, o discador **se torna consciente** de que está discando um número errado ou quando um motorista **percebe** que está fazendo o caminho errado. Caso contrário, a atenção cognitiva é direcionada para outros assuntos e não o comportamento em questão. O motorista fazer o caminho errado, por exemplo, explica que a sua atenção estava na visita iminente ao dentista.

No entanto, o fato de que a atenção cognitiva pode interferir quando o corpo-sujeito erra, aponta para a primeira fraqueza da perspectiva comportamental: o comportamento pode envolver o componente cognitivo e é, portanto, **mais** do que uma simples sequência de comportamentos estímulo-resposta. Além disto, a noção de corpo-sujeito põe em causa todo o conceito de estímulo-resposta, uma vez que o corpo-sujeito é um inteligente e holístico processo que **direciona**, enquanto que para os comportamentalistas o corpo é uma coleção de respostas passivas que podem apenas **reagir**.

Se alguém analisar os relatos acima, não notará indicações experienciais de que os movimentos descritos são uma série de respostas para situações externas do ambiente. Considere a pessoa ligando a luz. O tema central deste relato é a maneira direcionada com que o braço se levanta: “a mão sabia exatamente o que fazer”. O contexto ambiental aqui parece quase secundário, e de fato a pessoa explica que o braço pode achar a cordinha tanto no escuro como na luz do dia. Similarmente, o foco do relato sobre o caminho errado são as mãos que fazem o giro “por si mesmas, totalmente no

comando”. Aqui, também, o tom da observação aponta para as mãos como um inteligente agente no comando da situação da sua própria forma especial. Estas observações não fornecem indicações de que o corpo é cegamente uma resposta a estímulos ambientais como os comportamentalistas assumiriam. Em vez disso, os relatos sugerem que o corpo age de maneira intencional, que aborda o comportamento necessário como um todo e passa a realizá-lo da sua forma, de maneira fluida, integrativa.

O movimento, explorado fenomenologicamente, indica que o corpo é inteligentemente ativo e através desta atividade, eficientemente transforma as necessidades das pessoas em comportamentos. Se for para se mover de forma eficaz para atender às exigências da vida diária, seu corpo deve ter a seu alcance os comportamentos habituais necessários. Sem a estrutura do corpo-sujeito, as pessoas necessitariam planejar constantemente cada um de seus movimentos cotidianos – para prestar contínua atenção para cada gesto da mão, cada passo do pé, cada começo. Por conta do corpo-sujeito, as pessoas podem administrar as demandas da rotina automaticamente e então ganhar liberdade em seus espaços cotidianos e ambientes. Desta maneira, eles elevam-se acima de eventos mundanos como chegar a lugares, encontrar coisas, praticar gestos básicos e direcionam sua atenção criativa para maiores e mais significantes dimensões da vida.

Para a geografia comportamental e a psicologia ambiental, a noção de corpo-sujeito tem importantes implicações, especialmente para uma abordagem cognitiva do comportamento ambiental. Talvez o maior desafio para esta abordagem seja demonstrar conclusivamente uma ligação entre cognição e comportamento. Até agora esta demonstração está em falta. Moore (1979, p. 64) escreve: A crença de todos os pesquisadores cognitivistas no poder de intervenção de variáveis cognitivas não tem sido seguida por testes empíricos

de suficiente escopo ou qualidade... [E]xceto para poucos estudos de comportamento de mercado e migração interurbana, nós temos poucos dados sobre a relação entre cognição ambiental e o subseqüente comportamento urbano.

Considerações sobre as dimensões corporais do comportamento ambiental indicam que a perspectiva cognitiva é incompleta e necessita de uma reformulação completa. Imagens, impressões subjetivas, sistemas de categorias e mapas cognitivos podem ter um papel parcial no comportamento ambiental, mas nós precisamos de um maior entendimento de sua importância relativa. Mais do que provavelmente, há algum tipo de reciprocidade entre corpo e mente, hábito ou desejo por mudança, passado e futuro. Se a geografia comportamental tem que ter uma teoria comportamental precisa prestar mais atenção a essa reciprocidade (SEAMON, 1979, p. 61-62).

COREOGRAFIAS DE CORPO E DE LUGAR

O corpo-sujeito assegura que gestos e movimentos aprendidos no passado vão, prontamente, continuar no futuro. Ele guia os comportamentos básicos da vida diária. O corpo-sujeito é uma força estabilizadora, e através dele as pessoas ganham liberdade e estendem seus horizontes no mundo.

Relatos do grupo de experiência ambiental apontam para a versatilidade do corpo-sujeito. Ele também abriga mais comportamentos complexos que se estendem ao longo do tempo assim como no espaço. Tal comportamento é o que eu chamo de **dança-do-corpo – um conjunto de comportamentos integrados que sustentam uma particular tarefa ou meta**, como por exemplo, lavar pratos, arar, construir casas, envazar ou caçar. Danças-do-corpo são frequentemente parte integrante de uma habilidade manual ou

sensibilidade artística; o seu somatório pode constituir meios de vida de uma pessoa. “Seus movimentos eram incríveis – eles fluíam juntos”, disse uma integrante do grupo ao descrever um ferreiro, a quem ele chamou de “artista”. “Ambas as mãos estavam trabalhando de uma vez... fazendo exatamente o que tinham que fazer perfeitamente”. Outro membro do grupo descreveu a operação de uma carrocinha de sorvetes durante o verão. Ao mesmo tempo que trabalhava, ele podia “entrar no ritmo de entregar o sorvete e dar o troco”. Ele automaticamente “alcançava o pote certo, fazia o que o consumidor queria e pegava o seu dinheiro”. Geralmente, o trabalho necessitava de pouca atenção consciente: “maior parte do tempo eu nem tenho que pensar no que estou fazendo – tudo se tornou rotina”.

Estas observações sugerem que através de treino e prática, movimentos básicos do corpo-sujeito fundem-se em padrões corporais mais amplos que proporcionam um determinado fim ou necessidade. Simples movimentos de braço, perna ou tronco sintonizam-se com uma linha especial de trabalho ou de ação e dirigem-se espontaneamente para satisfazer as necessidades iminentes. Ao usar as palavras “suave”, “fluir”, e “ritmo”, as observações indicam que o balé do corpo é orgânico e integrado, em vez de gradativo e fragmentado. Uma vez tendo dominado as operações básicas de uma atividade, o corpo-sujeito pode variar seus comportamentos criativamente para atender rapidamente a demanda particular imponente.

Similar à dança-do-corpo, a **rotina espaço-temporal é um conjunto de comportamentos corporais habituais que se estendem ao longo de considerável porção de tempo**. Relatos do grupo de experiência ambiental indicam que grandes partes do dia de uma pessoa podem ser organizadas em torno de algumas rotinas. Um membro do grupo descreveu uma rotina matinal que ele segue, exceto aos domingos. Ele está de pé às sete e trinta, arruma sua cama, vai ao banheiro e

sai de casa às oito. Ele então caminha até a cafeteria na esquina, que fica no alto da rua, pega o jornal (que **tem** que ser o *New York Times*), ordena qual será a sua alimentação (um ovo mexido, torrada e café), e fica lá até aproximadamente nove horas quando ele vai caminhando para o seu escritório, que é próximo. Um segundo membro do grupo descreveu a rotina de tempo-espaço que a sua avó seguia: “ela sempre estava em um lugar específico, em um horário específico e geralmente fazendo algo específico lá”. Entre seis e nove, por exemplo, a avó estaria trabalhando na cozinha; entre nove e doze, costurando na varanda.

Estes depoimentos indicam que estas séries de comportamentos que são neles mesmos danças-do-corpo (a rotina do banheiro ou de costurar) fundem-se em padrões maiores, também dirigidos pelo corpo-sujeito. Como o primeiro membro explicou, ele não descobre a sua rotina de cada dia; em vez disso, “ela se desdobra e eu a sigo”. A mudança da rotina pode causar irritação: “eu realmente gosto desta rotina e eu tenho notado como eu me sinto incomodado quando parte dela me chateia – por exemplo, se o *Times* estiver esgotado, ou se as mesas estiverem tomadas e eu tiver que sentar no balcão”.

A rotina espaço-temporal possui um certo padrão holístico no qual, como o próprio movimento, é bem descrita pela palavra “desenrolar”. Quando uma pessoa estabelece uma série de rotinas espaço-temporais, no seu dia comum ou agenda semanal, grandes partes do seu dia podem proceder com o mínimo de planejamento e decisão. A pessoa pode se tornar atrelada a estas rotinas; interferências, como a descrita acima, indicou que podem gerar estresse. As rotinas espaço-temporais são componentes essenciais da vida diária porque elas se apropriam de atividades automaticamente durante o tempo. Elas mantêm uma continuidade na vida das pessoas, permitindo às mesmas fazerem automaticamente no momento presente o que elas aprenderam no passado. Ao administrar a rotina, aspectos repetitivos

da vida diária, ela liberta as pessoas da atenção cognitiva para eventos e necessidades mais significantes. Por outro lado, estas rotinas espaço-temporais podem ser difíceis de quebrar ou mudar. Neste sentido, elas são uma força conservativa que podem ser um considerável obstáculo a progressos úteis ou mudança.

Em um ambiente físico que concede suporte, as rotinas espaço-temporais e as danças-do-corpo dos indivíduos podem se fundir em um todo maior, criando um espaço-ambiente dinâmico chamado **dança-do-lugar**⁹. **A dança-do-lugar é uma fusão de muitas rotinas espaço-temporais e danças-do-corpo em termos de lugar.** Seu resultado pode ser a vitalidade ambiental como as que são vistas em North End, em Boston ou em Greenwich Village, em Nova York. Ele gera um forte sentido de lugar por conta da contínua e regular atividade humana.

A familiaridade decorrente da rotina é um dos ingredientes da dança-do-lugar. Um membro do grupo descreveu o seu trabalho em uma loja de balas. Ela conhecia os fregueses pelo rosto, porque muitos vinham para lá regularmente durante as suas horas de trabalho. Ela apreciava esta interação, pois “isso ajuda o tempo a passar mais rápido e me traz pessoas para conversar”. De forma similar, ao descrever a sua rotina matinal um membro do grupo explicou que lá existem outros clientes regulares como ele a cada manhã. Suas presenças em cada dia geram um sentido de amizade e familiaridade no qual ele sente que “não estariam lá se eles fossem novos rostos a cada dia”. Nestes exemplos, as rotinas individuais se encontram em termos de lugar. A regularidade gerada pode também produzir um clima de familiaridade

⁹ A expressão original (em inglês) criada por David Seamon é chamada de Place-ballet. Na tradução literal do termo chegamos à expressão balé do lugar, bastante utilizada e consagrada em textos acadêmicos na área de Geografia e Humanidades. Entretanto, cremos que o uso que Seamon faz da expressão é mais amplo do que se referir a um estilo de dança, referindo-se ao movimento dos corpos, como uma coreografia de dança. Neste sentido, acreditamos que Dança-do-lugar talvez expresse de forma mais ampliada e imediata o sentido original do termo (N. da T.).

o qual os participantes apreciam e para o qual crescem ligados. Esta regularidade não é intencional e só ocorre com o decorrer do tempo e muitos encontros “acidentais” repetidos. No seu alicerce está a força habitual do corpo-sujeito, que sustenta uma continuidade pautada em padrões corporais do passado.

CONTEXTOS MAIORES

Para a geografia e outras disciplinas que se preocupam com o ambiente e o lugar, as noções de dança-do-corpo, rotina espaço-temporal e dança-do-lugar possuem valor porque elas unem as pessoas com espaço, lugar e tempo. Embora os exemplos acima sejam limitados e vinculados à cultura, seus subjacentes padrões de experiência transcendem determinados contextos sociais e temporais, e podem ser encontrados em todas as situações humanas, passadas e presentes, ocidentais e não ocidentais. Hockett (1973, p. 13-14), por exemplo, retratou a rotina diária típica dos Menomini, uma tribo indígena que viveu na costa norte-ocidental do Lago Michigan, no século XVII. As mulheres levantavam na madrugada para buscar água, atear fogo e preparar o café da manhã, que é uma das duas refeições diárias. Após o café da manhã, os homens e os meninos vão para os campos de caça e pesca, enquanto as mulheres cuidam da colheita, processam o alimento, colhem plantas comestíveis, tecem e cuidam das crianças.

Rotinas espaço-temporais e danças-do-corpo são a base deste típico padrão diário. As atividades seguem uma sequência que é largamente habitual e não premeditada. As atividades das mulheres são rotinas espaço-temporais estendidas incorporando muitas danças-do-corpo individuais – buscar água, acender o fogo, cuidar da colheita e tecer. Cada atividade necessita de uma combinação particular de gestos e

movimentos que manipulam corretamente materiais com as mãos e produzem o desejado artefato ou meta. A habilidade de tecer, por exemplo, é um conhecimento das mãos, que há muito tempo aprenderam a sequência própria e ritmo, e podem agora conduzir seus trabalhos rápida e automaticamente.

Pode-se também visualizar na cena acima uma série de danças-do-lugar se desenrolando durante todo o dia dos Menomini. Ele pode imaginar, por exemplo, a reunião das mulheres no córrego para buscar água e a participação em conversas. Este lugar não é apenas uma fonte de água, mas uma cena de interação da comunidade e de uma comunicação que se repete a cada manhã, por conta da regularidade em se buscar água. A estrutura subjacente desta dança-do-lugar não é diferente das contemporâneas cenas urbanas que Jane Jacobs descreve na quadra onde um dia ela viveu em Greenwich Village (Nova York):

O trecho da rua Hudson, onde eu vivo, é a cada dia uma cena de um intrincado balé nas calçadas. Eu faço a minha entrada nisto um pouco após as oito, quando eu coloco o lixo para fora, seguramente uma ocupação prosaica, mas eu aprecio a minha parte, meu pequeno som estridente, enquanto as multidões de estudantes ginásiais caminham pelo centro da rua, deixando cair embalagens de doces... Enquanto eu varro as embalagens, eu observo os outros rituais da manhã: Sr. Halpart desenganchando o carrinho de mão da lavanderia de sua amarração a uma porta do porão. O afilhado do Joe Cornacchia empilhando as caixas vazias da delicatessen, o barbeiro trazendo a sua cadeira dobrável para a calçada, Sr. Goldstein organizando os rolos de arame que indicam que a loja de ferragens está aberta, a mulher do superintendente dos apartamentos deixando a sua criança de três anos com um bandolim de brinquedo na varanda, sob o ponto de vista que ele está aprendendo o inglês que a mãe não sabe falar. Agora as crianças do primário, indo para St. Luke, partem para oeste, e as crianças da P.S. 41, indo em direção do leste (JACOBS, 1961, p. 52-3).

A essência experiencial dos processos que ocorrem na rua Hudson, na vila Menomini, e na cafeteria da esquina são os mesmos, embora na aparência cada lugar é consideravelmente diferente dos outros. Pessoas chegam juntas no tempo e espaço como cada indivíduo está envolvido em sua própria rotina espaço-temporal e dança-do-lugar. Eles reconhecem uns aos outros e às vezes participam de conversas. Fora destas cotidianidades, as dinâmicas interpessoais garantidas, estes espaços de atividade desenvolvem um sentido de lugar onde cada pessoa faz sua pequena parte em criar e manter.

Estes lugares são mais do que localidades e espaços para serem transpassados. Cada um abriga um dinamismo que aflora naturalmente sem intervenção direta. Estes espaços assumem a qualidade que Relph (1976, p. 55) chamou de **interioridade existencial** – uma situação em que “um lugar é experienciado sem deliberada e autoconsciente reflexão e ainda é pleno de significados”. Relph prossegue ao dizer que a interioridade existencial é o grande alicerce da experiência do lugar, e este apontamento é ecoado na dança-do-lugar. Por meio de padrões habituais de encontro no tempo e espaço, uma área pode se tornar um lugar, dividido pelas pessoas que lá entram em contato espaço-temporal. O dinamismo deste lugar é largamente proporcional ao número de pessoas que dividem este espaço e, deste modo, compartilham seu tempo e vitalidade.

IMPLICAÇÕES

Se um geógrafo irá estudar os espaços, lugares e ambientes que a pessoa tipicamente vive e habita – seu espaço vivido, como fenomenólogos às vezes falam (BOLLNOW, 1967) – ele necessita reconhecer que este espaço é primeiramente fundamentado no corpo. Por meio do corpo-sujeito, a pessoa sabe onde ela está em relação a

objetos familiares, lugares e ambientes, os quais constituem seu mundo geográfico de todos os dias. Não importa o contexto histórico e cultural, a pedra fundamental de sua experiência geográfica é o pré-reflexivo estrato corporal de sua vida – seu espaço vivido corporeamente. Bem como os movimentos habituais em grande ambientes, seu espaço vivido corporeamente incorpora os menores gestos, como pisar, voltar, chegar, e os padrões estendidos da dança-do-corpo e da rotina espaço-temporal. Pela exploração das porções corporeamente vividas, o geógrafo ganha um quadro de estabilidade, forças habituais de um particular mundo vivido. Ele pode melhor entender o quanto inconscientes padrões dentro de um lugar em específico continuam a fazer do lugar o que ele era no passado. Ademais, ele pode estar melhor preparado para prever o efeito de mudanças ambientais e sociais nesta estabilidade.

Um forte padrão nesta sociedade moderna é a fragmentação do espaço e do tempo: a casa é separada do mercado, vizinhanças são separadas por vias expressas, o trabalho é separado do lazer. Ao mesmo tempo, críticos sociais falam da alienação crescente e do gradual colapso da comunidade, que Slater (1970, p. 5) definiu como “o desejo de viver em confiante e fraterna cooperação com um membro em total e visível entidade coletiva”. Se a comunidade é um importante componente na satisfação da existência humana, e se a comunidade está se erodindo atualmente, o geógrafo pode indagar o que é a comunidade em termos de experiência e como ela pode ser reforçada. A dança-do-lugar pode ter papel considerável na condução desta questão porque traz as pessoas regularmente para o face a face, que de outra maneira provavelmente não se conheceriam. Neste sentido, ao dança-do-lugar gera uma cooperação interpessoal e a confiança que Slater aponta.

A dança-do-lugar tem uma particular importância na natureza da vizinhança, que a economista Barbara Ward uma vez definiu como um lugar onde

Crianças crescem sem serem atropeladas, onde amigos podem se encontrar, onde aquele recurso profundamente rejeitado, duas pernas humanas, podem ser recuperadas e usadas, onde a sociabilidade e as trocas da existência humana podem ocorrer de forma civilizada (WARD apud HORSLEY, 1978, p. 1-2).

Em um sentido, esta definição de sociedade é encontrada na dança-do-lugar. Ward sugere uma comunidade em um lugar fundamentada em uma escala corpórea e continuidade interpessoal. Em parte, este lugar deve ser baseado na familiaridade: pessoas se conhecendo bem o suficiente para que elas possam confortavelmente interagir. Uma parte desta familiaridade pode muito bem ser o resultado de uma regularidade inconsciente. A base habitual, contudo, não significa precisamente a dinâmica de uma vizinhança previsível, composta por humanos-robôs continuamente repetindo os mesmos conjuntos de comportamento. Em vez disto, a regularidade pré-cognitiva da dança-do-lugar proporciona uma base, a partir da qual pode surgir a surpresa, a novidade, o inesperado: a espontaneidade da brincadeira das crianças, vizinhos “se esbarrando”, um grupo da comunidade rapidamente se organizando para se opor a uma proposta de alargamento da rua. A estabilidade e a continuidade do lugar, portanto, são, ao menos parcialmente, responsáveis pela civilizada rede de interações que Ward apontou em sua definição sobre vizinhança. Ao mesmo momento, esta ordem em termos de lugar estabelece um padrão de regularidades em torno do qual a progressão de eventos mutáveis e episódios podem ocorrer. Lugares, em outras palavras, precisam de regularidade e

variedade, ordem e mudança. A dança-do-lugar é um dos meios pelo qual um lugar pode passar a ter estas qualidades.

A vizinhança é apenas um exemplo de dança-do-lugar. Qualquer situação em que ao menos alguns usuários vêm juntos regularmente – por exemplo, sala de estar, cafeteria, prédio de negócios, mercado – podem promover a base para uma dança-do-lugar. Ao mesmo tempo, contudo, muitas danças-do-lugar parecem estar se erodindo e desaparecendo. A tendência, como Relph (1976, p. 117) nos lembra, “é para um ambiente com poucos espaços significantes – em direção a uma geografia do deslugar¹⁰, de paisagens comuns e padrões de prédios sem sentido”.

Neste sentido, a noção de dança-do-lugar tem importantes implicações teóricas e práticas. Primeiro, ela une pessoas, tempo e lugar em um todo orgânico e retrata o lugar como uma distinta e autêntica entidade. No passado, muitas abordagens sobre o relacionamento pessoa-ambiente têm sido fragmentadas e mecanicistas: o lugar é somente a soma dos comportamentos de seus indivíduos. Em contraste, a dança-do-lugar retrata um todo maior que os seus elementos: o lugar é uma dinâmica entidade com uma identidade tão distinta como os indivíduos e elementos ambientais que abrangem aquele lugar. A dança-do-lugar, em outras palavras, é uma sinergia ambiental na qual homens e partes materiais involuntariamente promovem um todo maior, com seu próprio ritmo e caráter especiais. Um mercado ao ar livre, por exemplo, pode ser pautado em transações econômicas, mas é consideravelmente mais do que apenas estas transações (NORDIN, 1976). O mercado assume uma atmosfera de vitalidade, camaradagem,

¹⁰Relph utiliza a expressão *placelessness* para se referir à ausência da capacidade de constituição do lugar (lugaridade), o que poderia ser entendido também como lugar-sem-lugaridade, que se constitui em outra tradução possível para *placelessness*. (N. da T.).

excitação – até mesmo alegria. “Encontrar amigos e conhecidos” se torna tão importante quanto comprar (SEAMON; NORDIN, 1980).

Para o planejamento ambiental, portanto, a dança-do-lugar fornece conceitos em torno da construção de políticas e modelos. Que lugares possuem quais tipos de danças-do-lugar? Seria o lugar um melhor ambiente humano se tiver danças-do-lugar? Para residentes destes lugares, a noção de dança-do-lugar é especialmente valiosa. As pessoas reconhecem, inconscientemente, o significado da dança-do-lugar, mas geralmente por conta da atitude natural não possuem meios refinados para articular a entidade em termos claros. A dança-do-lugar faz uma implícita dimensão do mundo vivido explícita. Ele proporciona um articulado conceito que pode ser valioso para criar, regenerar e proteger lugares¹¹. 

REFERÊNCIAS

- BOLLNOW, Otto. Lived-space. In: LAWRENCE, N.; O'CONNOR, D. (eds.) **Readings in Existential Phenomenology**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1967. p. 178-86.
- DOWNS, Roger M.; STEA, David (eds.). **Image and Environment: Cognitive Mapping and Spatial Behavior**. Chicago: Aldine. 1973. 439p.
- GETIS, Arthur; BOOTS, Bairy M. **Spatial Behavior: Rats and Men**. The Professional Geographer, v. 23, n. 1, p. 11-14, 1971.
- GIORGI, Amedeo. **Psychology as a Human Science: A Phenomenologically Based Approach**. Nova York: Harper & Row. 1970. 255p.
- GIORGI, Amedeo; FISCHER, William F.; VON ECKARISBERG, Rolf. (eds.). **Duquesne Studies in Phenomenological Psychology**, Vol. 1. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1971. 398p.
- GIORGI, Amedeo; FISCHER, C.; MURRAY, E. (eds.) **Duquesne Studies in Phenomenological Psychology**, Vol. 2. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1975.
- HILGARD, Ernest R.; ATKINSON, Richard C.; ATKINSON, Rita L. **Introduction to Psychology**. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1974. 640p.
- HOCKETT, Charles F. **Man's Place in Nature**. Nova York: McGraw-Hill, 1973. 739p.
- HORSLEY, C. B. **Making of a City Neighborhood**. New York Times, p. 1-2, 24 dez. 1978.
- HULL, Clark L. **A Behavior System: An Introduction to Behavior Theory Concerning the Individual Organism**. New Haven: Yale University Press, 1952. 372p.
- JACOBS, Jane. **The Death and Life of Great American Cities**. Nova York: Vintage, 1961. 458p.
- KOCH, Sigmund. Psychology and Emerging Conceptions of Knowledge as Unitary. In: WANN, T.W (ed.) **Behaviorism and Phenomenology: Contrasting bases for modern psychology**. Chicago: University of Chicago Press, 1964. p. 1-45
- LEFF, Herbert. **Experience, Environment & Human Potentials**. Nova York: Oxford University Press, 1977. 523p.
- LYNCH, Kevin. **The Image of the City**. Cambridge: MIT Press, 1960. 194p.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phenomenology of Perception**. (Tradução de Colin Smith.) Nova York: Humanities Press, 1962. 466p.
- _____. **The Structure of Behavior**. (Tradução de Alden L. Fisher.) Boston: Beacon Press, 1963. 256p.

¹¹ Esta possibilidade é considerada em Seamon (1979), Capítulo 19.

Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar
David Seamon

MOORE, Gary T. **Knowing about Environmental Knowing:** The Current State of Theory and Research on Environmental Cognition. *Environment and Behavior*, v. 11, n. 1, p. 33-70, mar. 1979.

MOORE, Gary T.; GROLLEDGE, Reginald G. (eds.) **Environmental Knowing:** Theories, Research, and Methods. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson & Ross, 1976. 441p.

NATANSON, Maurice. Phenomenology: A Viewing. In: _____. **Literature, Philosophy and the Social Sciences.** Haia: Martinus Nijhoff, 1962. p. 3-25.

NORDIN, Christina. **Varbergs Torg i Tiden.** In: *Varbergs Museum-Arsbok*, 1976. P. 11-61.

SEAMON, David. **A Geography of the Lifeworld:** Movement, Rest and Encounter. Londres: Croom Helm; Nova York: St Martin's Press. 1979. 227p.

SEAMON, David; NORDIN, Christina. **Market Place as Place Ballet:** A Swedish Example. *Landscape*, v. 24, n. 3, p. 35-41, 1980.

SLATE, Philip. **The Pursuit of Loneliness:** American Culture at the Breaking Point. Boston: Beacon Press. 1970. 180p.

SPIEGELBERG, Herbert. **The Phenomenological Movement:** A Historical Introduction, volumes 1 e 2. Haia: Martinus Nijhoff, 1971. 761p.

STEA, David; BLAUT, James M. 'Notes Toward a Developmental Theory of Spatial Learning.' In Downs and Stea (eds.) (1973), pp, 51-62. 1973.

TAYLOR, Charles. Psychological Behaviorism.' In **The Encyclopedia of Philosophy**, vol. I, pp.:16-20. New York: Macmillan and the Free Press. 1967.

TOLMAN, C. 'Cognitive Maps in Rats and Men.' In Downs and Stea (eds.). (1973), pp. 27-50; originally in *Psychological Review*, 55 (1948), 189-208. 1973.

WILDE, John. **Existence and lite World of Freedom.** Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 1963.

ZEITLIN, Irving M. **Rethinking Sociology.** New York: Appleton-Century-Crofts. 1973.

Submetido em Novembro de 2012.

Aceito em Janeiro 2013, de 2013.